

Entrevistado: prof. Dr. Arno Münster

Entrevista concedida ao prof. Dr. Hildemar Luiz Rech

1. Prof. Arno Münster, como se deu sua aproximação inicial com os estudos marxistas?

A gênese do meu compromisso (engajamento) teórico e político durante meus estudos universitários na Alemanha, nos anos 1960, foi determinada por quatro fatores: (a) a recepção da « Teoria Crítica » da sociedade da Escola de Frankfurt, sobretudo da filosofia social crítica (materialista) de Max Horkheimer e de T.W. Adorno, mas também da obra teórica de Jürgen Habermas ; (b) o encontro com o filósofo marxista Ernst Bloch e seus discípulos e amigos, em Tübingen, no período 1963-1964 e 1966-1967 ; (3) o contato com os representantes da « nova esquerda » alemã durante meus estudos na Universidade Livre de Berlim, nos anos 1965-1966 ; e (4) o encontro, em Paris, com o filósofo romeno Lucien Goldmann, nos anos 1969-1970, que, como fundador de uma sociologia marxista da literatura, me iniciou na leitura dos escritos de G. Lukacs. O que estas quatro correntes teóricas tiveram em comum foi o superamento do marxismo ortodoxo « clássico » e a opção (preferência) para uma dialética (marxista) renovada, liberada das simplificações e dogmatizações do « marxismo-leninismo » soviético e de outras dogmatizações. A influência exercida por estas quatro correntes teóricas me orientou necessariamente para um neomarxismo aberto às descobertas da psicanálise (o que era a principal característica do « neomarxismo freudiano » da Escola de Frankfurt) e um pensamento marxista-messiânico da « utopia concreta » tal como ensinado por Ernst Bloch, na Universidade de Tübingen.

Recebi também impulsões importantes da leitura dos livros de Herbert Marcuse (se tornou a referência teórica principal durante a rebeldia dos estudantes de Berlim-Oeste nos anos 1967-1968), sobretudo de « Razão e Revolução », de

« Eros e Civilização » e do « Homem uni-dimensional », livros que foram - durante todo o ano 1966 e 1967 - o objeto de grandes discussões entre os estudantes comprometidos no movimento dos estudantes - um movimento estudantil que, a partir de outubro-novembro 1967, tentou seriamente transformar a « Universidade Livre de Berlim » numa « universidade crítica » onde as estruturas hierárquicas e autoritárias da universidade tradicional foram suprimidas (abolidas). Os encontros pessoais com Rudi Dutschke e Bernd Rabehl (dois líderes do movimento dos estudantes de Berlim) estimularam também meus estudos do marxismo e do movimento operário porque ambos foram excelentes especialistas das obras de Marx, Engels e Lenin e, ao mesmo tempo, adversários decididos do stalinismo. Durante meus anos de estudos na Universidade de Tübingen, assisti também freqüentemente as reuniões de um grupo de estudantes muito politizados, organizados no SDS (Federação Socialista dos Estudantes Alemães), a antiga organização de estudantes do S.P.D. (excluída do Partido, em 1961, por “esquerdismo”, quer dizer, por ter criticado e rejeitado o “Programma de Godesberg” do Partido Socialdemocrático Alemão, transformando o SPD num partido *reformista* moderno, renunciando definitivamente ao marxismo.) Este grupo não foi homogêneo e as discussões foram freqüentemente apaixonadas. No grupo, rivalizaram diversas correntes ideológicas e políticas: uma tendência maoísta, uma tendência trotskista, uma tendência marxista ortodoxa (Stamokap) - vizinha das posições do Partido Comunista Alemão (D.K.P.) - e os partidários da “nova esquerda” teoricamente muito inspirada de Herbert Marcuse, da Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt, mas também pelo “guevarismo” e a solidariedade pelos povos do “Terceiro Mundo”. Era uma coexistência ideológica difícil, mas o denominador menor comum foi a crítica da universidade burguesa, a crítica da sociedade capitalista, o combate para a democratização da sociedade e uma sociedade socialista e o protesto contra a guerra imperialista dos Estados-Unidos no Vietnã.

2 - Conte-nos um pouco sua relação pessoal com Ernst Bloch.

Encontrei Ernst Bloch pela primeira vez na Universidade de Tübingen, no semestre do inverno 1963 - 64, quando era ainda um estudante; assisti regularmente às suas aulas no grande auditório da Universidade e fiquei muito fascinado por suas conferências sobre a “Filosofia da Religião” que anteciparam substancialmente as teses de seu futuro livro “Ateísmo no Cristianismo” (1968). Assisti também, várias vezes, ao seu “seminário privado” onde se estudou o “Princípio Esperança” (Das Prinzip Hoffnung), o seu grande livro sobre Hegel (“Sujeito-Objeto”. Considerações sobre Hegel”) e outros escritos seus. Bloch foi um professor bastante “atípico” nesta Universidade conservadora do Sudoeste da Alemanha, situada a 40 quilômetros ao Sul da cidade de Stuttgart (a capital da Província de Baden-Württemberg). Ele foi um sabedor excepcional que exprimiu, também, como o subtítulo, na minha biografia¹ que fiz do Filósofo, com seus gestos e palavras, o *messianismo utópico* do seu pensamento e que fascinou com seus discursos, quer filosóficos quer teológicos. Articulou com grande habilidade uma *filosofia da práxis* marxista – humanista - baseada em uma teoria da *consciência utópica antecipadora*, com uma *teologia da libertação*, que foi bem recebida nos países de América Latina onde, como foi também o caso do *Brasil*, uma maioria de cristãos foi atraída por uma nova leitura - crítica e revolucionária - da Bíblia e dos Evangelhos (aquela apresentada pela *Igreja dos pobres*), aproximando esta leitura com a crítica materialista da sociedade e da economia capitalista por Carlos Marx. Nestes primeiros anos de meus estudos de Filosofia na Universidade de Tübingen (1963-1965; 1966-1967) meus contatos pessoais com Bloch foram ainda bastante limitados, mas, nos últimos anos, na vida do Filósofo, quer dizer, no

¹ Cf. Arno Münster, *L'utopie concrète d'Ernst Bloch, Une biographie*, Kimé, Paris, 2001; trad. em alemão, *Ernst Bloch. Eine politische Biographie*, Philo-Verlag, Berlim, 2004 (440 p.)

período 1974-1977, estes contatos foram consideravelmente intensificados, sobretudo a partir do mês de março 1975, quando Ernst Bloch fez sua última viagem a Paris para receber - para a totalidade de sua obra filosófica - o “Doctor honoris causa” da Sorbonne, numa cerimônia conjunta com Dom Helder Câmara, do Recife! Nesta ocasião, fui encarregado por Bloch e sua esposa Karola de contatar a imprensa francesa e de preparar também um encontro pessoal de Bloch com Jean-Paul Sartre, que, infelizmente, não teve lugar. Bloch quis seriamente falar e discutir com Sartre, nesta ocasião, porque ficou muito impressionado pela volta de Sartre ao marxismo (atestado pelo seu livro “Crítica da Razão Dialética”) (1960), mas, para um *marxismo* ainda bastante *existencialista, humanista e anti-stalinista* – o que comportou certas *convergências* com a suas próprias vistas. Por causa da indisponibilidade de Sartre, porém – que esteve muito ocupado naquele momento com a gravação de um filme sobre a sua própria vida e obra – este desejo e projeto de Bloch de encontrar Sartre, pessoalmente, durante a semana que passou em Paris, em março 1975, não foi, infelizmente, concretizado.

3 - Quais são, em sua opinião, as principais categorias do pensamento de Bloch e quais suas contribuições inovadoras para o campo do marxismo?

A renovação do marxismo e do materialismo histórico e dialético por Ernst Bloch pode ser compreendida como tentativa de integrar o pensamento utópico (em todas suas dimensões) e, sobretudo a esperança utópico-*messiânica* no horizonte do projeto marxiano da transformação do mundo, que é baseado sobre uma crítica materialista da Economia Política. Por conseqüência, as maiores categorias do pensamento de Ernst Bloch são o conceito de “consciência antecipadora”, o conceito de “esperança”, o conceito de “possibilidade”, de “frente” e de “novum” e o conceito de “utopia concreta”. Ao ser convencido de que a história do marxismo foi marcada por exagerada evolução da utopia à

ciência, Bloch, sem contestar a necessidade da análise econômico-política marxiana, quer reabilitar absolutamente a dimensão negligenciada pelos pais fundadores do marxismo e ainda mais pelas tendências dogmáticas e stalinistas do neo-marxismo do século XX, quer dizer, a dimensão dos *sonhos utópicos* e, simultaneamente, a tradição do *socialismo utópico* que Marx e Engels severamente criticaram no “Manifesto comunista”. Isto por Bloch esboçar as linhas gerais duma nova *filosofia da práxis* que, consciente dos maiores postulados das “XI Teses de Marx sobre Feuerbach”, relativos à necessidade de *transformar o mundo*, da tradição utópica, da tradição messiânica do judaísmo e das descobertas da psicanálise freudiana, é baseada sobre a conexão dos *sonhos diurnos* com as imagens de desejo” (imagens de solai/Wunschbilder) e das *imagens de desejo utópicas* com a *práxis* cujo objetivo é – e isso é o ponto de convergência com a doutrina de Marx - a *humanização do mundo e a libertação do homem da alienação e da exploração*. Neste processo do tornar-se concreto das imagens de desejo utópicos e dos sonhos diurnos numa práxis transformadora – revolucionaria – o conceito de “possibilidade” tem uma função importante de *categoria mediadora*.

Não há dúvida, porém, de que o conceito maior absoluto desta filosofia humanista e messiânica da práxis é o conceito da “*esperança*”. Quero lembrar o que escreve Bloch a propósito, no final do seu *Prefacio* ao “*Principio Esperança*”, esta grande trilogia filosófica que se apresenta também como uma grande *enciclopédia dos sonhos e projetos utópicos* da humanidade em todos os seus níveis (Arquitetura, Geografia, Medicina, Literatura, Musica, etc.), onde a função precisa da esperança na dialética específica entre “latência” e “tendência” è bem explicitado:

“Só depois de ter renunciado ao conceito do ser cercado e estático pode-se descobrir a verdadeira dimensão da esperança. Porque o mundo é cheio de disposições para uma coisa, de tendências e de latências para uma coisa, e esta coisa para a qual estende este mundo é o resultado da intenção. E um mundo

mais adequado para nós, liberado dos sofrimentos indignos, liberado da angustia, da alienação e do Nada. Ora, esta tendência esgota-se como uma corrente que encontra o Novum. (...) O saber marxista revela que o processo difícil da emergência se manifesta na idéia e na práxis. No Novum, estende-se a multidão dos campos do saber; graças a eles, a sabedoria do mundo re-encontra sua juventude e recomeça a partir de zero. Se o ser se compreende a partir de sua origem, ele se compreende também como tendência aberta para um fim. O ser que condiciona a consciência, como a consciência que atua sobre o ser, se compreende na última instância a partir desta origem e em relação a este fim. (...) A essência do mundo é ela mesma de frente.” (*Das Prinzip Hoffnung*, I, Frankfurt, Suhrkamp, 1959, p. 28-29).

4 - Você é considerado o maior especialista europeu na obra de Jean-Paul Sartre. Como você avalia a contribuição de Sartre para a esquerda mundial nestas últimas décadas?

Primeiro, devo retificar: não sou o “maior especialista europeu” da obra de Sartre. Há outros pesquisadores e especialistas (franceses) que podem legitimamente pretender melhor este título, como, por exemplo, Michel Contat, Michel Rybalka e Annie Cohen-Solal (o autor da grande biografia de Sartre publicada pela editora Gallimard). A minha contribuição aos estudos sartrianos é voluntariamente limitada à análise da obra exclusivamente *filosófica* de Sartre, quer dizer, àquela de seus primeiros ensaios filosóficos, ainda bastante marcados pela fenomenologia husserliana, e as suas duas grandes obras filosóficas “*O Ser e o Nada*” (também muito influenciado por Heidegger) e a “*Crítica da Razão Dialética*”. Acho que a melhor contribuição de Sartre para a renovação do pensamento dialético destas últimas décadas consiste em ter efetuada uma síntese muito original entre o *existencialismo* e o *marxismo* e de ter enriquecido substancialmente o pensamento crítico contemporâneo pelo esboço duma nova

teoria existencial-marxista da *práxis*. No meu livro “*Sartre et la práxis*” (Paris, L’Harmattan, 2005), tentei analisar o conceito-chave sartriano da “*liberdade*” e da “*práxis*” em todas suas dimensões filosóficas, sociais e práticas, na perspectiva de evidenciar o fato de que no pensamento de Sartre o conceito de “*práxis*” evolui da concepção fenomenológica da *projeção do para-si* para a frente, na temporalidade, até um conceito da *práxis* compreendido, por um lado, como *projeto organizador* (dos homens), inscrevendo-se na matéria (a transformar), e, doutro lado, como *praxis-processo*, determinando a prática de um *conjunto social organizado* (quer dizer, de um *grupo* ou de uma *classe social*) na história. Trata-se de evidenciar como, no pensamento de Sartre, a *práxis* evolua constantemente da análise da *práxis* individual, na liberdade, como *totalização de um projeto*, no campo prático-inerte, até uma análise sempre mais aprofundada das implicações da *práxis individual e coletiva*, no processo de uma dialética que nos ensina que “toda dialética é baseada em primeiro lugar sobre a *práxis individual*, na medida em que esta *práxis* já é dialética.” A consequência direta desta teoria é o esboço por Sartre de uma teoria dos conflitos (incluindo os conflitos entre as classes sociais) e a análise da *inteligibilidade da práxis na história*, aquela a que o segundo volume da “*Crítica da Razão Dialética*” é inteiramente dedicado.

5 - Que outros autores, além de Bloch e Sartre, você considera fundamentais para a atualização do marxismo e da dialética para nossos tempos?

Acho que é impossível, na perspectiva da renovação duma filosofia crítica e d’uma filosofia da *práxis* - orientada para a emancipação e superação da alienação e da reificação – de fazer abstração da *Escola de Frankfurt*, cuja *filosofia social* materialista foi fundada por Max Horkheimer, ao final dos anos 20 e no início dos anos 30 do século XX, e continuado por T.W. Adorno, W. Benjamin, H. Marcuse e Jürgen Habermas. Mesmo se se pode lamentar que

Adorno relativiza e debilita demasiado o conceito da *práxis* transformadora, na *Dialética Negativa*, suspeitando geralmente de todas as formas duma *práxis* radical de intenções “totalitárias”, a sua contribuição a uma crítica materialista da cultura e – neste contexto – a uma *filosofia e sociologia da musica* é assim importante que nenhum pode mais ignorar o grande valor dessas análises adornianas. Num livro cuja redação terminou já no final do ano passado e que deve ser publicado no próximo ano (2009), por ocasião do quadragésimo aniversário da morte de T.W. Adorno, sublinho este mérito, evidenciando ao mesmo tempo as diferenças teóricas e políticas significativas que separam o pensamento dialético adorniano do pensamento messiânico-utópico-marxista de Bloch – orientada para a *práxis* transformadora do mundo e a concretização da “utopia”. Tento mostrar (evidenciar) que a principal diferença entre T.W. Adorno e Ernst Bloch, a propósito da “utopia”, é que a “proibição da imagem” é aplicada por T.W. Adorno também a este conceito, o que lhe faz pretender, por exemplo, na sua célebre entrevista radiofônica com Ernst Bloch, em Baden-Baden, do ano 1964, que “a realização da utopia é o fim da utopia” e que o único significado e a única justificação filosófica da utopia é o fato de que a utopia não deve ser realizada. (Cf. “Il manque quelque chose”... Sur les contradictions propres au désir d’utopie. Entretien radiophonique entre Ernst Bloch et Theodor W. Adorno animé par Horst Krüger (1964), in “Europe” n° 949 (n° spécial “T.W. Adorno-Ernst Bloch”), Paris, mai 2008, pp. 37 – 54.) Habermas se posicionou incontestavelmente como o continuador de Adorno, não só na direção do Instituto de Ciências Sociais, de Frankfurt, mas também da teoria crítica e da filosofia social dos fundadores da Escola de Frankfurt; mas, como representante da “segunda geração” desta escola, Habermas transformou esta filosofia social neo-marxista (influenciada por Lukacs) numa teoria da “comunicação” o do “agir comunicativo” que se afastou progressivamente do marxismo e, sobretudo da filosofia marxista da *práxis*. O aspecto positivo desta refundação da “teoria crítica da sociedade” por parte de Habermas é,

incontestavelmente, a sua *teoria da democracia*, quer dizer, sua crítica do *deficit democrático* dos sistemas políticos fundados sobre a representação parlamentar indireta e suas propostas concretas para remediar a este *deficit*, quer dizer, suas propostas destinadas a “reanimar” a vida política e a democracia – bastante burocratizada – de nossas sociedades do capitalismo avançado – pelo desenvolvimento da vida das associações, das discussões políticas no *espaço público* e das potencialidades comunicativas em todos os níveis do mundo da vida.

Arno Münster

Paris, 4 junho 2008.